



Disponível em: <<http://30.11a-aleluia.org/wp-content/uploads/2016/02/bom.jpg>>

Réquiem para o amigo

José Hugo de Lins Pessoa

A notícia me encontrou em viagem. Logo que atendi o celular ouvi: "Perdemos o Alexandre. Um ataque cardíaco fulminante". A voz emocionada do meu amigo me acordou de madrugada. "Não é possível, não acredito... E a Lúcia e

as crianças...?". Eu estava em Lisboa, com a minha esposa, há 48 horas. Imediatamente procuramos falar com a Lúcia, sua esposa, e mesmo após várias tentativas não conseguimos contato. Também não era possível voltar ao

Brasil a tempo. Só me restou curvar a cabeça em respeito, em uma homenagem silenciosa. Éramos amigos há mais de cinquenta anos. Pisamos o chão da adolescência discutindo a nossa responsabilidade. Formávamos um grupo de cinco amigos em busca do melhor caminho para viver. Tudo que possa ser dito sobre ele nessa hora parece pequeno diante da grande generosidade que foi sua vida. Vale a pena lembrar a imensa dedicação à família, ao trabalho e a lealdade aos seus amigos. Não ficou rico ou famoso, teve apenas o suficiente para criar seus três filhos, mas nunca reclamava de nada, estava sempre alegre. Ele pertencia àquele grupo de pessoas a que se referia Dag Hammarskjöld, prêmio Nobel: "o único valor da nossa vida é o seu significado para os outros".

Diante da morte de um familiar, de um amigo, sentimos no cérebro um tumulto de ideias contraditórias. A questão fundamental não é compreender a morte. A morte sempre nos encontrará. A espécie humana há milênios procura respostas para suas questões existenciais: "quem sou eu, de onde vim, para onde vou?". Imersos em reflexão, nesse momento, procuramos compreender a vida. Resgata-se da memória a vida vivida.

Lembro-me de uma das reuniões do nosso grupo, em uma mesa de bar, um dos bares da juventude. A nossa geração atingia a fase de apontar os erros da sociedade e indicar remédios para corrigi-los. Tínhamos a intuição de que o mundo estava mudando, começava os anos de 1960. Logo prestaríamos vestibular. O Alexandre disse: "Criamos instituições destinadas a corrigir erros. Construir uma sociedade com menos doenças, com menos violência e sem guerras é considerado uma utopia". Esse discurso surgiu após a segunda cerveja, a questão agora era discutirmos se essa utopia poderia ser algum dia transformada em realidade. Nos debates ele, muito preparado, recorria até aos conceitos de autores clássicos, como Freud, Marx, Sartre e outros. Aqueles foram dias de formação. Sempre estivemos autônomos, conscientes que todas as decisões dependiam de nossas escolhas. Na verdade, cada um de nós estava o tempo todo dialogando com a própria vida, buscando a sua identidade.

As nossas discussões, não importavam os temas, eram sempre intensas e intermináveis. Uma coisa parecia clara: estávamos lendo, bebendo e divagando muito. Mas, de repente a conversa mudava para saber quem era mais bonita: a Laura da biblioteca ou a Flávia da tesouraria, ambas com um pouco mais de idade do que a gente. Havia quem jurasse que já tinha tido um namoro com a Laura e abria-se uma discussão para ver quem conseguiria namorar a Flávia. No fim todo mundo ia pegar o ônibus com

o dinheiro contado (só sobrava o da passagem), mas com a "consciência" do dever cumprido. Talvez, naquele momento, nos julgássemos imortais. A felicidade, um desejo pré-histórico, na medida em que a vida permite, pode ser encontrada onde, à primeira vista, seria menos esperada.

Passamos no vestibular e terminamos um curso superior, em áreas diferentes. No dia da sua formatura em Direito, ele brincou: "agora vou ter que aprender a dar laço em gravatas". Diante de oportunidades de trabalho, dispersamo-nos no mundo. Partimos para uma vida profissional e familiar. Depois disso, ainda tivemos algumas poucas reuniões presenciais, que com o passar do tempo foram espaçando cada vez mais. Ficaram telefonemas: "terminei doutorado, nasceu meu filho, mudei de emprego, minha filha casou, nasceu mais um neto, doenças, aposentadoria...". Todas essas coisas do ciclo da vida, das estações da vida. Afinal, não é para isso que a gente vive?

Logo que voltamos da viagem fomos visitar a Lúcia. Ela nos entregou uma fotografia amarelada onde estávamos todos, os cinco, na quadra de futebol do colégio. No verso da foto estava escrito à caneta, em letra de forma: "Fim do Curso Colegial, 2/12/62". Embaixo: "Muitas coisas podem acontecer à nossa revelia, mas seremos amigos a vida toda". Assinatura de cada um de nós. E assim foi...

Analogias em Medicina (n. 38)

ANALOGIAS EM MEDICINA VERSUS ANORTOGRAFIA

(Sem ofensa. Todos nós cometemos erros.)

- No megacólon ocorre dilatação da luz devido a uma *êxtase* fecal.
- Estou suspeitando de *seringomielia* neste paciente.
- O protossifiloma se acompanha de uma linfadenite *fulgaz*.
- Ao exame, verifica-se pólipos *cécil* no reto.
- O aspecto desse caroço nucal lembra cisto *cebásseo*.
- Presença de tumoração na *calda* do pâncreas.
- Paciente com múltiplas pápulas nos membros, *polpando* o tronco.
- Enviado *fraguimento* hepático de fígado para estudo anatomo-patológico.
- As duas bolinhas que temos no escroto são os *testícolos*.
- Paciente com corrimento. Feito *esfregasso* vaginal.
- Punção aspirativa de tireoide com esfregaço *palcicelular*.
- Queixa-se de prurido nas *auréolas* mamárias.
- Há sinais de invasão tumoral no *fonículo* espermático.
- Foi feita a polipectomia e *calterização* da base da lesão.
- Produto de curetagem do *endométrio* uterino para análise.
- Segue material de citologia *explotativa* de pulmão para *Papa Nicolau*. Suspeita de "*oltsell*".
- Paciente com *roquidão* por uso exagerado da voz. É *loucutor*.
- O apêndice cecal mostrava a serosa fosca, recoberta por um *indulto* purulento.
- É comum dor e aumento de volume dos linfonodos que drenam uma área inflamada, conhecida como *íngo*.
- A doença de *Rodking* é atualmente curável pela QT.
- Foram retirados 300mL de líquido *sitrino* para alívio do doente.
- Os sintomas eram precipitados por frituras e *farinásseos*.
- No quelóide ocorre um *exajeiro* do processo de cicatrização.
- A tuberculose é causada pelo bacilo de *coque*.
- Retirado também o *hístimo* da tireoide.
- Material para exame: útero e *trombas* de Fallopio.
- O edema generalizado denomina-se *anasacra*.
- Paciente com lesão do úmero suspeita de neoplasia. O aspecto radiológico é de *ruído* de traça.
- O schwannoma (neurilemoma), ao exame microscópico, mostra os chamados corpos de Verocay, que nada mais são do que células em *palhaçada*.
- Paciente com quadro de *desintéria* grave.
- Retirada tumoração na região *external* de longa evolução.
- Informe clínico: paciente com *impaxamento pós-brandial*. É *as-soguero*.
- Em prova escrita de patologia geral: O processo de cura por regeneração de determinado órgão ou tecido só é possível se suas células forem estáveis ou *lésbicas*. Desculpe, lábeis!
- Qual a operação feita? — Acho que foi *esprenectomia*...
- Ao exame clínico, nota-se pápula na *sombrancelha* direita.
- O linfoma de Burkitt é de *auto* grau de malignidade.
- Lesão em forma de caxos de uvas; as vilosidades são *edemasiadas*; e também estão *espassadas*, por isso *ser* mola hidatiforme.

- Secretária novata digitou: material a ser examinado: nódulo *subterrâneo*, em vez de subcutâneo... biópsia de fígado a céu *aberto*, em vez de a céu aberto.
- O melanoma é um tumor muito maligno, com *extinto* assassino.
- Úlcera é o *interrompimento* do tecido necrosado, formando um buraco no órgão.
- Um calouro pede ao professor explicações sobre a *carlota* craniana...
- Na necrose de liquefação, o tecido tem aspecto de *mingal*.
- Quadro clínico e radiológico sugestivo de *sacro-ileite*.
- Laudo de radiologista: a *cela* túrcica mostra-se normal.
- O hordéolo é vulgarmente conhecido como *ter sol*.
- Os músculos esqueléticos sofrem hipertrofia no *auterofilismo*.
- Presença de lesão verrucosa no *entroit* vaginal.
- No centro do granuloma epitelióide, observei a *casca do ovo* do Trypanosoma cruzi.
- O tumor benigno mais comum do pulmão é o *armatoma*.
- Estruturas do *foliculo* espermático não infiltradas pela neoplasia...
- A foto mostra edema dos membros inferiores com o sinal do *cassifo*.
- Ao abrir a cavidade, notei um quadro de apendicite *soporada*.
- A *ranseníase* é causada pelo bacilo de *Ransen*.
- De um residente de dermatologia: Pele comprometida por *equizema*.
- Observado sinal de gangrena na *poupa* digital.
- De um residente de ortopedia de certo hospital: Lesão no *cuto-velo*.
- Material para exame: vesícula *bilhar*.
- A pior complicação que pode ocorrer no seu caso é *histerilidade*.
- Portador de tumor da hipófise, sofre de *afromegalia*.
- Material para exame: biópsia de pele: pênfigo *bolíaceo*? Suspeita de enteropatia *glúteo-sensível*.
- De um acadêmico do século passado: A doença hemorroidária provoca dor ao evacuar e, ao sentar-se, *hematêtese* e dor perianal.
- Laudo em gravação confunde secretária novata: o baço é um órgão que apresenta *roupa* branca e *roupa* vermelha na superfície de corte.
- Tumor indiferenciado. Solicita-se avaliação *himuno*-histoquímica.
- Pergunta em prova escrita de patologia geral: O que é metrorragia? É a *hemorragia do endométrio uterino na menstruação da mulher*.

Fontes diversas, provenientes de solicitações e/ou relatórios de exames, de prontuários hospitalares e de ambulatórios, provas de graduação, de pós-graduação e de residências médicas e outras enviadas por alguns colegas.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DO VIVER

Urge viver. Minutos audaciosos
 Armam cilada aos passos repetidos.
 Qualquer coisa acontece nestes idos
 De tempo estranho, e nós, seres porosos,

De argila e sangue, tristes e jocosos,
 Com lágrimas e risos ressentidos,
 Sacudimos os guisos comovidos
 Como sinal de luz sobre danosos

Desertos de aquiescência e de rotina.
 Urge viver. O tempo nos apela
 No fim de cada rua. Em cada esquina

Há um encontro fatal, o gesto incrível
 Do pintor produzindo em nossa tela,
 Algo de cotidiano e de terrível.

DA PROCURA QUASE MÍSTICA

A rua é um campo de papoulas. Cada
 Destino cinge-se do sangue e augura
 O encontro. E todos ardem na procura
 De algo impreciso, chama soterrada,

Sombrio sortilégio, luz buscada
 Em noite interna ou na charneca impura.
 Em todos, esse mapa de aventura
 E a certeza de ter hora marcada,

O toque intransmissível, inadiável,
 O momento suspenso, o ser pendente
 Sobre a treva quebrada em lantejoulas;

O Encontro está presente, indecifrável:
 Os Fados vão cruzando novamente
 A rua, campo inquieto de papoulas.

INVENÇÃO

Em tudo uma presença indecifrável,
 O toque de mistério, a pronta entrega
 Dos seres ao destino que carrega
 Sutil acatamento ao inadiável.

Em tudo a mesma essência, tema estável
 No instável torvelinho, dom que integra
 O pensamento na paisagem cega,
 A chuva em nosso caos impraticável.

Entre nuvens jamais apascentadas,
 Surge a selva, aventura imperecida
 De seivas e raízes sublimadas.

Em nós, cresceu a dor, tarde cinzenta,
 Natural natureza acontecida:
 Um nunca sobre o sempre que se inventa.

O BANQUETE

O conviva sem rosto está presente.
 Bradam línguas de fogo por seu nome,
 Em torno do banquete nossa fome
 É a pitonisa estranha e decadente

De um mundo morto. Nossa sombra ausente
 Risca os espelhos como um vento indome,
 E a prece abismo, a voz que se consome
 Ilumina os salões daquela mente

Onde fomos forjados. Onde a sede
 E a fome vaticinam sobre as lavras
 Que somos; quando alguém atira a rede,

E nós, demônios, peixes e suicidas,
 Penetramos por meio das palavras
 Aquele que recolhe nossas vidas.

O cravo não brigou com a rosa

José Carlos Barbuio



Ciranda, peça em bronze de Sandra Guinle, 2003.

Disponível em: <http://laisumedu.org/dicho_con_todo_respeto.php?m=mail1&p=mail1>.

"Chegamos ao limite da insanidade da onda do politicamente correto. Soube dia desses que as crianças, nas creches e escolas, não cantam mais 'O cravo brigou com a rosa'. A explicação da professora do filho de um camarada foi comovente: a briga entre o cravo – o homem – e a rosa – a mulher – estimula a violência entre os casais. Na nova letra 'o cravo encontrou a rosa debaixo de uma sacada/o cravo ficou feliz/e a rosa ficou encantada'. Que diabos é isso? O próximo passo é enquadrar o cravo na lei Maria da Penha! Será que esses doidos sabem que 'O cravo brigou com a rosa' faz parte de uma suíte de 16 peças que Villa Lobos criou a partir de temas recolhidos no folclore brasileiro? É Villa Lobos, puxa vida!

Outra música infantil que mudou de letra foi Samba Lelê. Na versão da minha infância o negócio era o seguinte: 'Samba Lelê tá doente/Tá com a cabeça quebrada/Samba Lelê precisava/É de umas boas palmadas'. A palmada na bunda está proibida. Incita a violência contra a menina Lelê. A tia do maternal agora ensina assim: 'Samba Lelê tá doente/Com uma febre malvada/Assim que a febre passar/A Lelê vai estudar'. Se eu fosse a Lelê, com uma versão dessas, torcia pra febre não passar nunca. Os amigos sabem de quem é Samba Lelê? Villa Lobos *de novo*. Podiam até registrar a parceria. Ficaria assim: Samba Lelê, de Heitor Villa Lobos, e Tia Nilda, do Jardim Escola Criança Feliz. Comunico também que não se pode mais atirar o pau no gato, já que a música desperta nas crianças o desejo de maltratar os bichinhos. Quem entra na roda dança, nos dias atuais, não pode mais ter sete

namorados para se casar com um. Sete namorados é coisa de menina fácil. Ninguém mais é pobre ou rico de mar-ré-de-si, para não despertar na garotada o sentido da desigualdade social entre os homens. Vivemos tempos de não me toques que eu magoo. Que me desculpem os paladinos da cartilha da correção, mas isso é uma tremenda babaquice. O politicamente correto é a sepultura do bom humor, da criatividade.

Nas aulas sobre o barroco mineiro, não poderei mais citar o Aleijadinho. Direi o seguinte: o escultor Antônio Francisco Lisboa tinha necessidade especiais... Não dá. O politicamente correto também gera a morte do apelido, essa tradição fabulosa do Brasil. O Estatuto do Torcedor quer disciplinar as manifestações das torcidas de futebol. Cantaremos nas arquibancadas o *allegro* da Nona Sinfonia de Beethoven, entremeado pelo coro de Jesus, alegria dos homens, do velho Bach. Falei em velho Bach e me lembrei de outra. A velhice não existe mais. O sujeito aquele que dobrou o Cabo da Boa Esperança, o popular tá mais pra lá do que pra cá, já tem motivos para sorrir na beira da sepultura. A velhice agora é simplesmente a 'melhor idade'. Se Deus quiser morreremos, todos, gozando da mais perfeita saúde."

José Carlos Barbuio

Advogado e Escritor, em homenagem ao
Mestre em História Social Luiz Antônio Simas

AIDS

POSSÍVEL ENCERRAMENTO DA EPIDEMIA

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Sempre imaginamos que o fim da epidemia pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV 1 e 2), causadoras de AIDS, só seria possível quando fosse disponível uma vacina eficiente. De fato, essa seria a solução mais simples e mais barata, mas com os meios que temos hoje, aqui e agora, é exequível encerrar a epidemia da infecção por estes vírus. Para tanto, é necessário considerável esforço, recursos e a famosa vontade política – que para problemas relacionados à saúde, em geral, não está por aí.

Mencionaremos manobras necessárias para conseguirmos encerrar a epidemia.

1. Saber quais são os contaminados. Apesar de a prova sorológica ser facilitada, gratuita e anônima se a pessoa testada assim o quiser, calcula-se que pelo menos dois terços dos brasileiros acometidos pela infecção não saibam do fato. O exame pode ser feito em larga escala e sem grandes aportes financeiros, usando estruturas existentes. Seria necessária campanha educativa que insistisse nisso. Marqueteiros que fizeram coisas aparentemente impossíveis, como eleger a presidente Dilma, têm, a nosso ver, capacidade de convencer a população.
2. Tratar todos os contaminados, com ou sem sintomas, com esquemas atualizados. É bem conhecido o fato de que pacientes com pequenas cargas virais, abaixo de 1.500 genomas/mL, oferecem baixo risco de serem infectados. Também, essa providência pode ser adotada com os recursos que já temos, apenas incrementando-os para a maior demanda que vai surgir. Outrossim, afigura-se essencial outra campanha educativa para os medicados, explicando que não é adequada a suspensão do tratamento, porquanto uma vez iniciado, dentro do que conhecemos hoje, é para a vida toda. Os tais mar-

queteiros que já citamos deverão ser acionados, e apostamos que suas consciências preferirão trabalhar para o bem em vez de eleger as peças que divulgaram para ganhar as eleições.

3. Aperfeiçoar o sistema de atendimento de gestantes contaminadas para garantir a profilaxia da transmissão vertical. É conduta que está funcionando razoavelmente bem, com uma ou outra falha, explicada por falta de conhecimento da gestante ou do sistema de saúde que a atende; contudo, isso é circunstância e é fácil de reparar. Um dos grandes sucessos que temos tido é exatamente evitar a transmissão vertical.
4. Tornar muito simples, sem burocratizar as profilaxias pós-exposição – quando alguém tem uma atividade de risco e pode ser tratado nas próximas 24 a 48 horas – e pré-exposição. Está certo que é uma incoerência alguém saber que vai arriscar-se e usar medicação profilática antes – afinal os métodos de barreira foram inventados para isso mesmo. Ainda assim, existem seres que não se caracterizam pelo pensamento organizado e bom senso, e há lugar seguramente para essa prevenção. Ambas as modalidades devem ser incentivadas e fornecidas sem influência de formalidades complexas tão prediletas dos nossos governantes. Se alguém for obrigado a preencher algo como o eSocial e gerar uma guia para conseguir medicação, nestas situações, possuímos certeza de que não vai atingir o benefício pretendido.

Programas de troca de seringas e agulhas para nossos muitos drogados, sem falsos moralismos, sem partir para a repressão policial e sem atribuições evitáveis. Os programas deste tipo não são o ideal, que é não usar drogas.



Porém, redução de danos significa diminuir os riscos da transmissão do HIV por essa via. Na Europa Oriental, esta é a mais comum das maneiras de ocorrer contaminação e a repressão constante não está conseguindo diminuir a disseminação da infecção.

Se tudo isso for feito – de novo insistimos que é factível com o que contamos agora –, é possível tornar muito rara a contaminação e, em prazo curto, finalizar a epidemia. Alguns casos vão aparecer e, idealmente, serão tratados precocemente como preconizamos acima. Em pouco tempo, casos de AIDS como os que conhecemos no começo da epidemia, e como ainda hoje são encontrados, figurarão como algo a ser lembrado na história da medicina. Adorávamos ser a geração que viu nascer a epidemia e que em uma única – a nossa, e confessamos que já estamos na rampa de saída. Portanto, ainda mais constatamos o encerramento da mesma. Temos a receita: nossos queridos governantes podem executá-la, se quiserem.

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Os autores são professores universitários, com especialização em clínica de doenças infecciosas e parasitárias

Envelhecer

Carlos Alberto Pessoa Rosa

Pegamos o elevador... Terceiro andar. A porta abre-se a um novo espaço que reconheço como outro elevador. Há uma porta que dá a um longo e escuro corredor. Não reconheço o lugar. Fecho a porta e aperto o botão térreo sem compreender bem o que há de estranho no ocorrido. A porta abre-se em um grande saguão, é um hotel, talvez estejamos em férias. Fora, um céu sem nuvem.

Paramos debaixo de uma árvore. Não compreendo que o simples movimento de um elevador nos tenha levado para território tão distante do início. Ainda olho lá adiante e não compreendo esse movimento horizontal, estar no mesmo plano mas em outro e distante lugar. Pergunto a um senhor de idade se ele poderia me explicar o ocorrido. "Não há nada de mágico ou religioso", ele me diz. Pergunto de onde ele é, não reconheço a cidade nem o país que ele me informa. Você, deitada no banco, coça a vulva sobre a calcinha. Não parece preocupar-se com o ocorrido. Na cidade, há um clima de festa, as famílias estendem toalhas coloridas no chão e distribuem o alimento e o vinho. Creio que há no lugar um mar, mas a estranheza é quem mareia dúvidas de tempo e espaço em minha cabeça. Retornamos ao hotel, precisamos entender... Mas para onde? Entramos no elevador. Toco o número três na esperança de reencontrar o ponto inicial. A porta se abre em outro elevador. Tento novamente o número três. Três vezes o número me leva a outra porta, outro elevador. E duas pessoas me dizem com naturalidade que não há nada de estranho, que a lógica não é humana, apenas isso. Mas se não somos humanos, o que seríamos? Ou onde estaríamos? No térreo de um prédio que antes fora nossa moradia, mas cujo elevador não nos leva a nosso apartamento, mas a outro e mais outro elevador...

Em um deles a inscrição: o Tao produz o um que produz o dois que produz o três. Se nada mais pode ser acrescentado... Tudo será daqui em diante uma mera repetição sem tempo e sem território próprios: nômades. Acho que envelhecer é esse reconhecimento de ter atingido a plenitude da experiência enquanto humano... A partir desse momento, tudo se repetirá de um mesmo modo, outro tempo e outra geografia são construções humanas para encobrir a angústia da temporalidade, apenas isso.

Carlos Alberto Pessoa Rosa

Médico e Escritor



coluna do livro

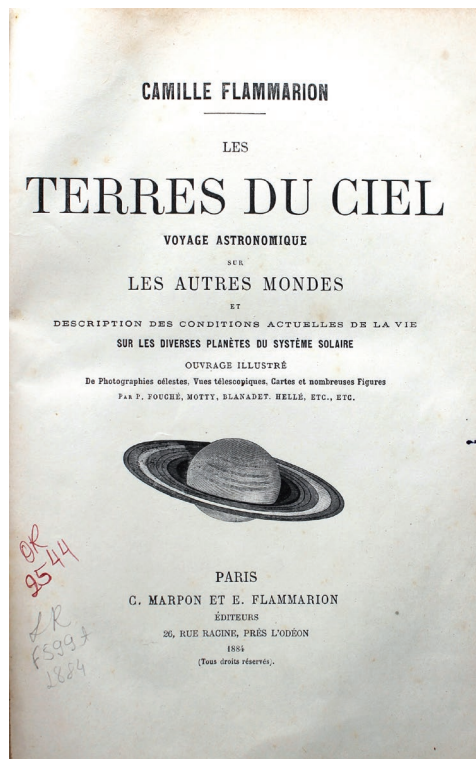
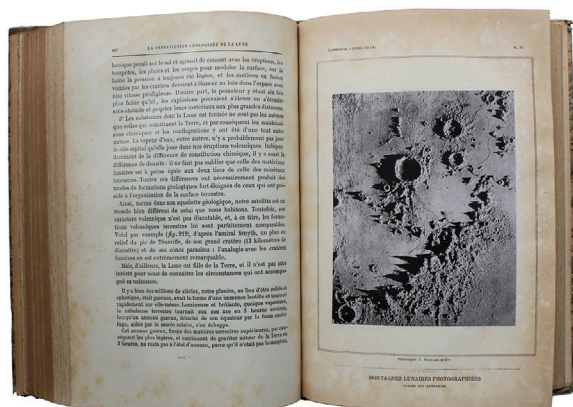
Les Terres du Ciel

A obra em comento, *Terres du Ciel*, é espetacular. Escrita por Nicolas Camille Flammarion, trata dos conhecimentos astronômicos da época, final do século XIX. Ricamente ilustrada, faz verdadeira viagem interplanetária. Vai à Lua, descrevendo-a lindamente, bem como a todos os planetas do Sistema Solar, de Mercúrio a Netuno (Plutão foi descoberto em 1930).

Tem momentos muito agradáveis, por exemplo, quando o autor esteve pela primeira vez, *vis-à-vis*, com os anéis de Saturno, por meio de um telescópio astronômico, descrevendo a experiência como uma das mais fascinantes "que minha alma pode ter".

O livro também aborda o tema da existência de vida em outros planetas e no infinito, lembrando que Camille Flammarion (1842-1925) foi, além de destacado astrônomo, estudioso dos fenômenos paranormais.

A obra foi editada em 1884, pela C. Marpon et E. Flammarion, em Paris, tem 773 páginas, edição da época (capa dura recoberta com papel marmorizado e lombada em couro), está em ótimo estado, com *ex-libris* de Carlos Castelo Branco. Veio à APM, por doação ou compra, em 22 de janeiro de 1979.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*),

Luiz Celso Mattosinho França, Afonso Renato Meira,

José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba,

Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.